



Diário Econômico

Deloitte.



PRÊMIO EXCELÊNCIA EM

# TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO

## CATEGORIAS A PREMIAR:

01



SOLUÇÃO  
DE MOBILIDADE

02



INTELIGÊNCIA  
NEGÓCIO

03



RELACIONAMENTO  
E SERVIÇO A CLIENTES

[www.premioexcelencia.com](http://www.premioexcelencia.com)

# Antecipar o futuro dos negócios será factor decisivo de competitividade

Daniel Burrus defende que é possível prever tendências e usar a tecnologia para ganhar vantagem competitiva.

Ana Rita Guerra  
arguerra@economicasgps.com

## Obra publicada

Daniel Burrus publicou seis livros ao longo da sua carreira, desde 1990:

- 1 Technotrends
- 2 The New Tools of Technology
- 3 Medical Advances
- 4 Environmental Solutions
- 5 Advances In Agriculture
- 6 Insights Into Excellence

Considerado um dos maiores gurus da indústria tecnológica de sempre, Daniel Burrus foi a grande atracção do evento PT no I Fórum de TIs do Diário Económico. Ao longo de cerca de duas horas, o especialista em estratégia de negócios desvelou um segredo de gestão que está na base do sucesso da companhia que fundou, a Burrus Research Associates: como prever tendências incontornáveis no futuro.

A criação e manutenção de vantagem competitiva face aos concorrentes passa, portanto, por uma antecipação clara do que vai acontecer, aquilo a que Burrus chama “futureview”. Isto significa que há uma parte do futuro que é previsível e irá condicionar a actuação estratégica dos gestores, que poderão antecipar tendências e posicionar-se à frente da concorrência.

“A tecnologia permite tornar o impossível em possível”, afirmou Burrus, perante uma audiência de gestores de topo portugueses, que ouviram o especialista explicar a diferença entre tendências “soft” e tendências “hard”. Segundo a sua visão, o que aconteceu no período da bolha especulativa foi muita gente ter apostado tudo em tendências “soft”, ou seja, de concretização possível mas dúbida.

“Ninguém pode apostar a sua companhia numa tendência “soft”, acrescentou Burrus, explicando que a diferença é que a “hard” se baseia em premissas físicas, tangíveis.

Um dos entraves a este exercício de antecipação passa pelos desafios operacionais que os gestores enfrentam no quotidiano dos seus negócios, o que lhes deixa pouco tempo e disponibilidade organizativa para reflectir sobre o momento actual da empresa, bem como acerca do que pode ser feito para a preparar num contexto rápido de mudança. A verdade, indicou Burrus, é que todos estão preocupados em manter o seu nível competitivo, e não aumentá-lo. Se estas empresas não se anteciparem, outras o farão e passarão para a linha da frente.

## A importância da confiança

A opinião de Burrus é de que o futuro será baseado em relações, o que implica uma base sólida de confiança e de fidelidade às promessas. As empresas que queiram ser bem sucedidas num mundo globalizado (em que, por inerência, as relações são mantidas com pessoas que muitas vezes estão no outro lado do planeta) devem ter um “Medidor de Confiança”, algo que lhes permita tomar o pulso às relações de negócio que mantêm e aumentar os níveis de confiança nas mesmas.

Outra das questões interessantes colocadas por Burrus prende-se com o facto de muitas vezes se pensar em termos de ou/ou, em vez de se admitir uma situação inclusiva (both/and). É que o segredo na tecnologia não reside na excelência da sua capacidade,

fotos: Paulo Figueiredo



“A tecnologia permite tornar o impossível em possível”

Burrus defende que o segredo está na utilização que se faz das ferramentas tecnológicas e não na sua capacidade.

mas na forma como é usada. “A fase dois das TI é algo completamente diferente”, indicou, aconselhando os gestores a preceder a introdução de novas tecnologias com uma mudança na estrutura organizacional e de pensamento.

Por outro lado, mudar a forma como se compete e tentar ir mais além do que simplesmente “keeping up” será a fórmula das empresas que quiserem antecipar o futuro. “Nos próximos cinco anos, todas as pessoas nesta sala irão experimentar mais mudanças que nos últimos dez anos”, atirou ainda Burrus, deixando no ar uma regra que disse ser “de ouro”: deve dar-se às pessoas a possibilidade de fazer coisas que não podem fazer mas gostariam se soubessem que podiam fazê-las.

#### O futuro num relance

Entre as tendências tecnológicas que Daniel Burrus acredita a 100% para o futuro, encontram-se a Internet a três dimensões,

a disseminação do WiMAX, a constituição de “vlogs” (blogs de vídeo) e ainda os curiosos Ultra Intelligent Agents. Estas entidades serão, segundo Burrus, ajudantes tecnológicos (cuja autenticação será feita de forma biométrica), que realizarão actividades tão díspares como marcar bilhetes de avião ou conseguir vagas para o médico de família. As novidades serão tantas que a grande questão das TI passará a ser a integração de todas as tecnologias - de forma a que utilizadores e empresas não se afundem num mar de aplicações e dispositivos tecnológicos.

“Os nossos objectivos e papéis irão transformar-se”, previu também Daniel Burrus no evento, acabando por relacionar esta questão a um nível mais amplo, que tem que ver com o posicionamento de Portugal na Europa e no mundo.

O seu papel e “marca” terão de ser redefinidos, com a intervenção das tecnologias, para alavancar a inovação e colaboração. ■

## Perfil Daniel Burrus

### Uma lenda viva no mundo empresarial e tecnológico

Autor de seis livros, incluindo o aclamado “Technotrends”, Daniel Burrus é um dos mais conhecidos oradores do mundo, nas áreas de negócio, tecnologia e estratégia. Durante as últimas duas décadas, Burrus estabeleceu uma reputação mundial devido às suas capacidades impressionantes e exactas de prever o futuro das transformações tecnológicas e o seu impacto directo no mundo dos negócios.

Não foi por acaso que o New York Times se referiu a este “futurista” como um dos três melhores gurus de estratégia de negócios nos Estados Unidos, um dos mais procurados para apresentações de negócio, tecnologia ou futurismo. Até ao momento, Burrus já produziu mais de 2000 apresentações para organizações e empresas em todo o mundo.

O ‘speaker’ é também fundador e administrador-delegado da Burrus Research Associates, que se dedica a pôr em prática a experiência e a estratégia defendidas por Burrus nas suas apresentações. Além de tudo, Daniel Burrus é ainda conselheiro de estratégia do governo norte-americano e de companhias presentes na lista Fortune 500, ajudando os clientes a desenvolver estratégias bem sucedidas, baseadas em tecnologia de próxima geração.

Entre estes clientes encontram-se a GE, a IBM, Microsoft, Oracle, DuPont, Toshiba, Bank One, American Express e Exxon.

Milhares de gestores leram, em todo o mundo, a ‘newsletter’ Technotrends de Burrus, que se popularizou por mais de dezoito anos. Daniel Burrus já apareceu também em programas televisivos de cadeias norte-americanas, como o Larry King Live, PBS, CNNfn e Bloomberg, e foi citado em publicações que incluem o USA Today, Fortune, Forbes e Industry Week.

Nas suas apresentações, Burrus mistura o seu conhecimento de décadas com alguma provocação e muita motivação. Um dos pontos mais importantes dos seus discursos passam pela forma prática e incisiva como apresenta as ideias. Além da teoria, Burrus é pragmático e oferece “guias” para transformar um contexto de mudança rápida em vantagem competitiva. E as suas previsões são tão exactas que há quem diga que a sua acção é, ela própria, um factor de mudança e aceleração no mundo tecnológico e dos negócios.



## Burrus Research Associates

### A experiência traduzida em lucro

Conforme o nome indica, Daniel Burrus fundou com o seu nome uma companhia de investigação e consultoria que se especializou em inovações globais na área científica e tecnológica, a sua aplicação criativa e impacto futuro. Muitas empresas que se tornaram clientes da Burrus Research Associates fazem parte da lista Fortune 500, o que atesta a reputação atingida pela companhia.

O objectivo primordial da consultora é, segundo os estatutos da própria, ajudar as pessoas a aprender a compreender e lucrar com a mudança tecnológica, envolvendo-se na construção de um futuro melhor ao descobrir aplicações inovadoras para as novas ferramentas tecnológicas. À divisão de negócios da BRA compete investigar as mais recentes inovações em todas as áreas da ciência e tecnologia no mundo inteiro.

Além disso, desenvolve quadros de aplicação real para as novas ferramentas, investiga as acções e intenções dos consumidores (na área tecnológica) e fornece apresentações a empresas que pretendam melhorar o seu conhecimento e explorar as oportunidades promovidas pelo avanço tecnológico.

Oferece ainda serviços de aconselhamento estratégico a equipas de gestão executiva e fornece informação actualizada - na qual se inclui a ‘newsletter’ Technotrends, publicada desde 1984.

A BRA têm ainda uma divisão de Educação, direccionada ao endereçamento dos desafios das comunidades educacionais, que põe em prática um sistema denominado Designing Thriving Schools. Esta estratégia compreende discursos de 90 minutos ou sessões interinas de oito horas, destinados a desencadear ‘brain storms’ acerca das transformações educacionais e da integração tecnológica.

Já a divisão dedicada aos consumidores oferece serviços ancorados no recorde de Burrus quanto à previsão de tendências tecnológicas (22 anos a acertar nas mudanças). A Burrus Consumer Research possui ferramentas on-line de grande capacidade para ajudar a perceber as intenções futuras dos consumidores, relacionando-as com as suas acções na compra de produtos tradicionais e de electrónica de consumo na vanguarda tecnológica.



Fotos: Paulo Figueiredo

Entrevista a José Pina

## Tecnologias de Informação ao serviço da competitividade

O 'partner' de um dos empreendedores do Prémio Excelência em Tecnologias de Informação e Conhecimento, José Pina, da Deloitte, fala ao DE sobre a situação das TI em Portugal.

Inês Queiroz

iqueiroz@economicasgps.com

O primeiro Prémio Excelência em Tecnologias de Informação e Conhecimento, um projecto de parceria entre a PT, a Deloitte e o Diário Económico recentemente anunciado, visa acima de tudo premiar a boa utilização destas tecnologias para aumentar a competitividade empresarial. Numa altura em que o sector sofre de uma estagnação do crescimento e de uma falta de massa crítica, comparativamente aos de outros países europeus, tudo o que possa servir de incentivo às empresas não é demais. José Pina, Partner da Deloitte, conversou com o DE sobre o prémio, os objectivos deste e os principais problemas com que se debate o sector das tecnologias de informação em Portugal.

**O objectivo do prémio é “motivar e inspirar empresas e empresários para apostarem nas tecnologias como meio de aumentarem a sua competitividade”, diz José Pina, da Deloitte.**

**Este é o primeiro Prémio Excelência em Tecnologias de Informação e Conhecimento. A que se deve a ideia de avançar com um prémio destes?**

A Deloitte já levou a cabo várias iniciativas com prémios semelhantes. Temos instituído o Prémio das Boas Práticas no Sector público, um prémio que reconhece o que de melhor se faz na administração pública. Temos também instituído, numa área diferente, o Investor Relations Awards, que reconhece a excelência nos relatórios de gestão para as empresas cotadas no PSI-20. Portanto, é natural para nós participarmos neste tipo de prémios.

Acontece que a PT teve esta iniciativa, colocou-nos esta questão e o seu interesse em avançar com o prémio e para nós foi natural envolvermo-nos na iniciativa. Daí a parceria conjunta com o Diário Económico e com a PT, para premiar um sector de actividade que consideramos extremamente im-

portante e com futuro, que é o sector das Tecnologias de Informação.

**Qual é o principal objectivo deste prémio?**

A grande missão do prémio tem muito a ver com a motivação que queremos dar a outras empresas e outros sectores de actividade para que usem as tecnologias de informação como uma forma de aumentarem a sua competitividade. Acho que o prémio vai ter um papel importante no meio empresarial porque vai ser mais um contributo para fazer esta divulgação e dar a entender que em Portugal se pode fazer do melhor que há, mesmo a nível internacional, e motivar e inspirar empresas e empresários para apostarem nas tecnologias como meio de aumentarem a sua competitividade. Esta é a mensagem que é importante passar.

**Este prémio será algo que se vai instituir no futuro?**

Nós contamos que sim. Este foi o primeiro evento, foi feita a apresentação do prémio, que será atribuído em Julho do próximo ano e contamos que este seja, de facto, uma iniciativa de referência para o sector das tecnologias de informação.

**Numa altura em que as tecnologias de informação estão tão na moda, é pertinente avançar com uma acção destas? Não correrá o risco de parecer redundante?**

Eu julgo que não. Nós consideramos que há muito a fazer ainda neste campo e todos os esforços ainda são poucos. Acho que há algumas histórias de sucesso em Portugal, que é um país que não tem este sector tão desenvolvido quanto seria desejável, como outros países europeus. Ou seja, temos que fazer todos os esforços.

**Como é que se está a comportar o sector das tecnologias de informação em Portugal? Comparativamente ao resto dos países da Europa, por exemplo?**

Temos um sector que, nos últimos dois três anos, não tem tido um grande crescimento em termos de volume de negócios. De qualquer forma existe um conjunto de empresas que são reconhecidas internacionalmente. Eu diria que é um sector caracterizado por um pequeno número de empresas que já são 'players' internacionais, como por exemplo a Chipidea, que fez uma apresentação no último Forum TT's, mas também a Enabler, a Critical Software, entre outras. Portanto, há um conjunto de empresas que já são uma referência internacional no sector. O que se passa é que ainda não temos uma massa crítica que nos permita dizer que somos de facto, como país, um 'player' internacional do sector. É esse o caminho que tem que ser percorrido ainda. Daí a razão deste prémio e também destes fóruns, que acabam por ser uma forma de dar a conhecer estas melhores práticas e também de motivar outras empresas e outros 'players' a evoluírem e a avançarem por estratégias de internacionalização, para que possamos atingir uma massa crítica superior àquela que temos neste momento.

**Esse é um dos problemas com que se debate o sector. Há outros?**

Julgo que sim. O facto de as empresas, de forma geral, olharem demasiado para o mercado interno, que não tem dimensão suficiente para permitir uma evolução maior deste sector é um problema. Acho que, se queremos evoluir, e sendo este um sector de alto valor acrescentado, teremos que passar por uma internacionalização em diversos mercados... Seja o mercado europeu, seja o mercado dos PALOP, seja o mercado da América do Sul onde também já há algumas iniciativas, etc.

**Esses são os mercados preferenciais para Portugal?**

Para já acho que sim, o mercado americano também poderá ser, em alguns casos. Isto porque se tratam de mercados - nomeadamente o mercado europeu - que podem pagar um valor pelos serviços que prestamos muito superior ao de mercados menos maduros ou com menos poder de compra, por exemplo.

**E qual é a mais-valia que Portugal pode oferecer a esses mercados?**

Eu acho que nós temos algumas competências que nos permitem, na realidade, ser um 'player'. Temos neste momento uma boa base de pessoas que saem das universidades, com conhecimentos bastante bons. Os nos-



## O que é o Prémio

**Como é que se vai processar o prémio? Quem se pode candidatar?**

O prémio vai ser destinado a grandes empresas e PME, que vão poder concorrer com iniciativas concretas, com projectos concretos desenvolvidos na utilização das tecnologias de informação para resolver problemas de negócio. Convém frisar que nós não queremos premiar a excelência da tecnologia em si mas a utilização da mesma e o impacto que isto tem para o negócio de cada uma das empresas. Existirão três categorias a premiar: soluções de mobilidade, soluções de inteligência de negócio e soluções de relacionamento e serviço a clientes. O prémio será atribuído em Julho de 2006, sensivelmente, o período de candidatura é de 1 de Outubro a 31 de Dezembro. As empresas podem candidatar-se através do site que já está disponível para o efeito [www.premioexcelencia.com], preenchendo a ficha de candidatura.

**Como serão feitas as avaliações e por quem?**

A avaliação será feita em duas fases, depois desse período de candidaturas. Na primeira fase serão seleccionados até 60 projectos e essa selecção será feita por profissionais da Deloitte através de uma grelha de avaliação aprovada pelo júri. Desses 60 projectos que passarem a primeira fase, o júri irá posteriormente seleccionar um projecto vencedor em cada uma das categorias.

O júri será presidido pelo Professor Dias Coelho, o presidente da APDSI [Associação para a Promoção e Desenvolvimento da Sociedade de Informação] e integrará diversas entidades. Neste momento, ainda está em constituição, mas vai ter várias personalidades conhecidas do meio empresarial, académico político, etc.

**E em que consistirá o prémio concretamente?**

O prémio não tem ainda materialização. À partida não será um prémio pecuniário obviamente, será um diploma. No entanto, o prémio vai passar também pela divulgação, através da imprensa por exemplo, de toda a solução apresentada e da empresa que a promoveu. É muito importante o conhecimento que se fará do prémio e do projecto em si.

Profissionais são reconhecidos lá fora. Temos também uma grande criatividade e somos bastante competitivos porque, de certa forma, estamos habituados a fazer muito com muito pouco. O facto de sermos um mercado de pequena dimensão e muito competitivo permite fazer com que tenhamos empresas e profissionais do sector com bastante qualificação e criatividade. Esse é um facto que, quanto a mim, pode vir a ser um grande trunfo para actuar nestes mercados mais competitivos e de maior dimensão.

**Em que aspectos é que um bom incentivo do****sector e um bom processo de internacionalização podem ser uma mais-valia para Portugal enquanto mercado?**

Numa altura em que se discute o nosso modelo de desenvolvimento, qualquer sector de alto valor acrescentado é sempre positivo para o país, na medida em que vai permitir melhorar este modelo de desenvolvimento. Temos é que apostar em 'clusters' e sectores de actividade que tragam maior produtividade e mais riqueza para o país. Temos o exemplo de outros países, até mesmo com dimensões equiparáveis à nossa, que se tornaram conhecidos e até líderes pelo facto de

terem apostado em sectores de tecnologia. É o caso da Irlanda, da Finlândia, da Suécia ou da Noruega.

**Na sua opinião qual é a evolução mais provável para os próximos tempos?**

Tudo isto vai demorar algum tempo, mas eu espero que, com alguns apoios e também com ambição e vontade por parte dos empresários, possamos ter dado passos significativos em frente no espaço de três a cinco anos. Mas não estamos a falar numa situação de curto prazo, de certeza. Talvez de médio prazo.

**Neste momento a internet voltou a estar na ordem do dia. É possível esperar um novo 'boom' na internet, comparável ao que aconteceu há alguns anos a esta parte?**

'Boom' como aquele que aconteceu no final dos anos 90, tenho algumas dúvidas. Hoje em dia a internet é, de facto, um meio já muito utilizado e com impacto em muitas áreas de negócio, desde a banca, à administração pública, etc. Actualmente é já um facto assente que a internet é um meio muito importante. Essa evolução e esse crescimento vão continuar de certeza mas, quanto a mim, com um ritmo muito mais sustentado do que o aquele que teve no passado.

**Essa pode ser uma via para captar a atenção e o interesse do público?**

Obviamente que sim. Actualmente temos muitos exemplos, como é o caso da utilização da internet pela administração pública no caso da Direcção Geral de Contribuições e Impostos. Este é um dos casos em que a nossa administração pública conseguiu transformar os seus processos de relacionamento com o cidadão e de aumento da eficiência da colecta fiscal através da internet. Na minha opinião, este é um prémio que motiva outras empresas e outras entidades a utilizarem este meio para fazerem uma transformação dos seus serviços e até melhorarem os seus canais de distribuição. Temos que olhar para exemplos como estes para evoluir e fazer evoluir outras empresas.

**Actualmente, ouve-se falar cada vez mais em 'Sociedade do Conhecimento' e menos em 'Sociedade de Informação', há alguma razão para isto?**

Eu acho que são chavões que se utilizam. Sociedade do conhecimento acaba por ser uma coisa tão abrangente que se torna difícil de definir. Pelo menos o entendimento que tenho sobre a sociedade do conhecimento não tem só a ver com as tecnologias de informação. Provavelmente sociedade de informação está muito associado às tecnologias de informação, enquanto sociedade do conhecimento implica reconhecer que o nosso modelo de desenvolvimento e o nosso modelo de sociedade têm que passar por uma grande qualificação das pessoas, uma grande utilização de tecnologias, uma grande sofisticação das ferramentas tecnológicas que usamos nos nossos negócios e em toda a sociedade, de forma geral.

**Mas, o prémio que vão atribuir é de excelência em tecnologias de informação e conhecimento...**

Sim. Eu acho que o conhecimento tem um pouco a ver com isso. Se nós olharmos, por exemplo, para aquilo que é a inteligência do negócio, o facto de conseguirmos desenvolver técnicas e tecnologias que nos permitem aumentar o conhecimento dos clientes é algo que tem um impacto directo nos resultados de qualquer empresa. Neste caso o conhecimento tem mais a ver com o benefício que tiramos das tecnologias do que com as tecnologias em si. ■

## Prémios Excelência em TIC

# Intervenção da sociedade civil é condição de sucesso

Sem uma coordenação firme entre Estado, sociedade e empresas não há condições para o sucesso das iniciativas.

A visão institucional do evento chegou pela mão de Paulo Campos, secretário de Estado das Obras Públicas e das Comunicações, que iniciou a sua intervenção referindo que a evolução do mundo e a sua mudança estão na agenda dos portugueses, até porque é reconhecido que o que hoje tecnologicamente possível irá, com certeza, acontecer.

Neste contexto transformativo, o secretário de Estado explicou que o grande desafio reside na capacidade de adaptação, algo que sempre foi característico dos portugueses e continua a ser referido como um indício de lusitanidade.

“Portugal sempre foi um país que se adaptou à mudança”, afirmou Paulo Campos, acrescentando que a novidade que se impõe actualmente é passarmos a ser, como país, um factor indutor da mudança. “Inovação, tecnologia, criatividade” são imperativos que foram compreendidos pelo executivo e traduzidos na aposta do Plano Tecnológico.

Por outro lado, o governo afirma estar empenhado em investir “numa agenda de crescimento”, apoiado por um ritmo novo de inovação e modernização da Administração Pública. Alguns dos desafios mais importantes, segundo Paulo Campos, consistem-se na urgência da banda lar-

ga, maior número de lares com computador e Internet e maior número de empresas no sector das TIC (tecnologias de informação e comunicação).

Para exemplificar o investimento de que fala o governo, o secretário de Estado referiu quatro projectos em curso, que considerou elucidativos do esforço que se está a empreender. Um destes projectos refere-se ao sistema de identificação electrónica no sector rodoviário, com bilhetes únicos de transportes e matrículas electrónicas.

A contratação de obras públicas on-line é outro projecto relevante, tendo Paulo Campos apontado que a tecnologia é um ‘enabler’ para aumentar a eficiência organizacional e induzir profundas reestruturações.

“A inovação e a reformulação de processos permitirão uma Administração Pública mais próxima dos cidadãos”, assegurou o secretário de Estado, alertando para o facto de o sucesso estar também dependente de um papel activo da sociedade civil e empresarial. O desafio passa, portanto, pela cooperação estreita entre entidades, tendo o responsável considerado que “este prémio é um bom exemplo de intervenção da sociedade civil” e se trata de uma “iniciativa que vale a pena encorajar e deve ser multiplicada”. ■ A.R.G.



“A inovação e a reformulação de processos permitirão uma Administração Pública mais próxima dos cidadãos”, assegurou o secretário de Estado no evento de apresentação do prémio.

Victor Machado

# É preciso melhorar a qualidade do investimento

Nos últimos anos, o volume de investimento em Portugal não foi suficiente para induzir um crescimento sustentado.



Paulo Figueiredo

A Unidade de Coordenação do Plano Tecnológico tem como missão ser um ‘think-tank’ das tecnologias.

A Unidade de Coordenação do Plano Tecnológico (UCPT) esteve representada no evento por Cecília Cabral, que falou do âmbito e da missão da estrutura, criada há cerca de dois meses pelo executivo socialista. Responsável pela monitorização de um plano ambicioso para o país, a UCPT ainda está em fase embrionária e afirma-se como um “think-tank” com capacidade técnica de concepção e acompanhamento de políticas “que contribuam para o crescimento económico, progresso tecnológico e criação de empregos”, conforme explicitou Cecília Cabral.

A gestora fez questão de contextualizar o plano na realidade portuguesa, que se caracteriza por um paradoxo negativo: Portugal é um dos países que mais investe a nível público e privado, sem que este volume de investimento se traduza em crescimento sustentado.

“É preciso concentrarmo-nos na qualidade do esforço, porque este não é suficiente”, especificou Cecília Cabral, adiantando que a tecnologia é apenas um dos instrumentos que gera progresso tecnológico e crescimento a longo prazo. Neste âmbito, o papel do Estado deve passar pela facilitação da adopção de formas mais eficientes de produção, estímulo à concorrência e à abertura económica ao exterior.

Sendo um facto que a inovação faz parte da Agenda de Lisboa, as principais componentes deverão passar pela investigação

e desenvolvimento, sociedade da informação e crescimento sustentado. Por outro lado, Cecília Cabral frisou que o Plano Tecnológico apresentado por José Sócrates “não é um programa de despesa em tecnologia nem de maior intervenção estatal”.

A unidade de coordenação deverá, assim, seguir um plano a três fases que compreende o diagnóstico dos pontos de bloqueio, propostas de medidas de política e acompanhamento da implementação das mesmas. Ou seja, a UCPT não tem como objectivo executar políticas concretas.

## Falhas de interligação

A crítica vem sendo feita há bastante tempo e continua a ser um entrave central no desenvolvimento do país: não há interligação eficiente entre as universidades e a indústria/tecido empresarial. Este é um dos pontos em que a UCPT acredita que o Estado deve intervir, até porque os ganhos não serão privados e sim benéficos para a economia em geral. Há várias questões a necessitar de apoio, reconheceu Cecília Cabral, nomeadamente no reconhecimento do esforço de inovação, na protecção da propriedade intelectual e na definição de políticas padronizadas.

“Inovação não é apenas avanço tecnológico”, reiterou a responsável, caracterizando-a como um pólo trans-disciplinar e referindo que é necessário melhorar o seu modelo organizacional. ■ A.R.G.

# PT quer premiar os melhores das tecnologias de informação

Apresentado na semana passada, o Prémio Excelência visa premiar as melhores empresas na área das tecnologias de conhecimento e informação. Por trás do evento estão nomes de peso: Portugal Telecom e Deloitte. O 'media-partner' é o Diário Económico.



**A mesa de honra do Prémio Excelência das Tecnologias de Informação e Conhecimento. As caras por detrás do evento:** Luís Rodrigues, Director de Marketing da área de Negócio Empresarial da PT, Miguel Moreira Rato, subdirector do Diário Económico, e José Pina, 'partner' da Deloitte.

Fotos: paulo figueiredo



**Paulo Fernandes**, membro da comissão-executiva da PT, explicou a importância do prémio.



**José Pina**, 'partner' da Deloitte.



**Cecília Cabral**, a responsável da UCPT.



**Guru das tecnologias**, o norte-americano Daniel Burrus revelou alguns dos seus segredos.

